

Brasília, domingo, 28 de fevereiro de 1999

Espaços como o Museu de Arte de Brasília, a Concha Acústica, a Sala Funarte e o Centro de Convenções estão em condições absolutamente precárias e precisam de reformas urgentes

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

“AQUI TUDO PARECE QUE É AINDA CONSTRUÇÃO E JÁ É RUÍNA.” O VERSO DE CAETANO VELOSO INSPIROU-SE EM ESCOLAS ABANDONADAS NO RIO DE JANEIRO, MAS TAMBÉM RETRATA O ESTADO EM QUE SE ENCONTRA BOA PARTE DOS ESPAÇOS CULTURAIS E TURÍSTICOS DO DISTRITO FEDERAL.

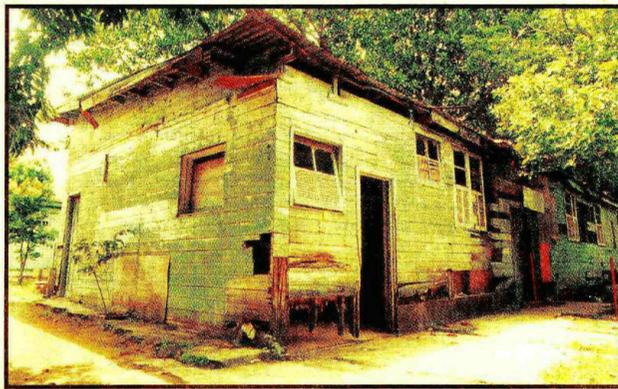
A capital aproxima-se dos 39 anos deixando a aura de cidade nova contrastar com a deterioração de locais como o Museu de Arte de Brasília, o Centro de Convenções e a Concha Acústica.

Um inventário desse envelhecimento precoce está em dois relatórios produzidos pelo governo empossado em janeiro. Os novos responsáveis por todo esse patrimônio afirmam que o caminho da reconstrução ainda precisa ser aberto.

Há muita coisa a ser recuperada entre os bens administrados pela Secretaria de Cultura. No Cine Brasília faltam poltronas e sobram infiltrações. Instalações elétricas inadequadas ameaçam a segurança do Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul. A degradação acabou com os camarins da Sala Funarte. Sem vigilância, o salão de entrada, a bilheteria e os banheiros da Concha Acústica foram destruídos por vândalos.

Inaugurado em 1985, o Museu de Arte de Brasília tornou-se pouco mais que um esqueleto de concreto, coberto de pó e quase tomado pelo mato. O governo anterior chegou a anunciar reforma no local, prevista para acabar em novembro de 1997. Tudo o que foi feito foi escavar dois pilares para verificar

Fotos: Carlos Vieira



GDF busca parceria com a iniciativa privada para recuperar o Museu de Arte, o Museu da Memória Candanga (fotos acima) e a Concha Acústica (foto abaixo)

as estruturas. As cicatrizes nas colunas permanecem lá, assim como o abandono. O acervo, por sua vez, foi confinado a um depósito no Teatro Nacional, onde telas sobrepostas sofrem com a umidade.

Pior é o estado do Museu Vivo da Memória Candanga, na Sáfida Sul. “Não fizeram nada aqui em quatro anos”, testemunha o arquiteto Francisco Almeida, 46 anos, funcionário do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico (Depha). Todas as 11 construções da época dos pioneiros que foram restauradas até 1993 já requerem reformas. Sem manutenção, a maioria dos pilares das casas foi corroída. Em uma delas es-

coras de madeira evitam que o teto desabe.

POUCOS RECURSOS

A solução para esses problemas depende da colaboração da iniciativa privada. É o que sustenta a secretária de Cultura, Luiza Dornas. “Vamos priorizar a recuperação desses espaços”, anuncia, diante de um orçamento de apenas R\$ 2,5 milhões para este ano. Só em dívidas antigas, a secretaria vai desembolsar quase R\$ 900 mil. Para se ter uma idéia da pequenez dos recursos previstos para a Cultura, o festival Temporadas Populares consumiu R\$ 2,18 milhões em 1998.

Com pouco dinheiro para investir, a secretária negocia com o Sebrae-DF uma parceria para investir na recuperação e ampliação do Museu Vivo. Pretende convencer a Federação do Comércio — que administra o Catetinho — a contribuir na reabertura do restaurante do Teatro Nacional Claudio Santoro. E quer atrair o Ministério da Cultura para investimentos na Sala Funarte e na Casa do Teatro Amador.

Dornas reuniu-se há uma semana com a presidência da Fundação Banco do Brasil para dar continuidade à reforma do Teatro Nacional. Ainda falta informatizar as bilheteiras, dar acabamento aos novos car-

petes, trocar vidros e adquirir novos equipamentos de luz. Em relação à Orquestra, é preciso construir uma sala de ensaios, comprar instrumentos como piano e contrabaixos e contratar novos músicos — só restam 38 profissionais, e o ideal seria chegar a 80.

O Museu de Arte de Brasília contava com projeto de recuperação orçado em R\$ 1,5 milhão. Mas os planos estão sendo revistos, o que poderá baixar o gasto para aproximadamente R\$ 900 mil. Ainda é muito para a secretaria. “Vamos buscar parcerias porque não temos condições de arcar com isso sozinhos” antecipa Dornas.

EM BUSCA DE PARCERIAS

Na área turística, os planos estão por vir. O secretário de Turismo, Lourival Zagonel, está avaliando os locais mais carentes de investimentos para decidir o que priorizar. Mas o caminho da recuperação é o mesmo escolhido por Luiza Dornas. “Vamos buscar parcerias com empresas privadas para que adotem monumentos, a exemplo do que ocorre em diversos países”, informa Zagonel.

É uma estratégia já trabalhada no governo anterior, que entregou à iniciativa privada a administração de espaços como o Catetinho, o Expocenter e o Camping de Brasília. Não há outra saída: de acordo com Zagonel, a Secretaria de Turismo tem um Orçamento de R\$ 8 milhões, e R\$ 5 milhões desse bolo vai para despesas de pessoal.

Segundo o deputado distrital Rodrigo Rollemberg (PSB), que foi secretário de Turismo na administração Cristovam Buarque, é necessário rigor no cumprimento dos contratos com empresários para evitar prejuízos ao patrimônio turístico. “O Camping Clube do Brasil, por exemplo, não fez tudo o que foi contratado, ainda falta uma piscina”, detalha o parlamentar.

Além dos já alardeados problemas de conservação na Torre de TV, a Secretaria de Turismo terá de recuperar instalações do Centro de Convenções e do Camping de Brasília — com sérios problemas de manutenção. O Projeto Orla, garante Lourival Zagonel, não será abandonado. “Ao contrário, queremos acelerar o cronograma de obras.”

Rollemberg lembra que investiu na impermeabilização, reforma e aparelhamento dos auditórios do Centro de Convenções, regularizou as ocupações na Torre de TV e foi responsável pela reabertura do Camping de Brasília. Apesar de estar na oposição, promete votar a favor de mais verbas para a área de Turismo. (R.M.)

